

A Criança e os seus Direitos



IAC
Instituto de Apoio à Criança

06 • EDIÇÃO SEMESTRAL

Maio 2023 a Outubro 2023



**“ O INSTITUTO DE APOIO À CRIANÇA
40 ANOS NA DEFESA DOS DIREITOS DA CRIANÇA ”**



IAC

Instituto de Apoio à Criança

TÍTULO

“A Criança e os seus Direitos”

PROPRIEDADE E EDIÇÃO

Instituto de Apoio à Criança

PAÍS DE PUBLICAÇÃO

Portugal

DIRETORA

Clara Castilho

CONSELHO REDATORIAL

Anabela Reis, Clara Castilho e Fernanda Salvaterra

CONCEÇÃO GRÁFICA

Cristina Rebelo

CONSELHO CONSULTIVO DO IAC

Ana Jorge, Ana Nunes de Almeida, Armando Leandro, Carlos Neto, Cinelândia Cogumbreiro, Clara Sottomayor, Daniel Sampaio, Emílio Salgueiro, Guilherme de Oliveira Martins, Hermano do Carmo, José Ornelas, Laborinho Lúcio, Leonor Beleza, Manuel Sarmento, Maria de Belém Roseira, Maria José Lobo Fernandes, Marta Santos Pais, Rui Pereira, Sérgio Niza e Teresa Fêria

CONTACTO DA REVISTA

iac-marketing@iacrianca.pt

CONTACTOS DO IAC

Propriedade / Edição / Sede de Redação:

Av. da República, 21

1050-185 Lisboa

Tel.: + 351 213 617 880

iac-sede@iacrianca.pt

NIPC 501 377 662

IMPRESSÃO

Empresa Diário do Porto, Lda

R. Igreja de Campanhã, 101

4300-262 Porto

N.º DEPÓSITO LEGAL 479127/21

ISSN 2184-8580

N.º DE REGISTO ERC 127526

PERIODICIDADE

Semestral

LÍNGUA DE PUBLICAÇÃO

Português

TIRAGEM

1.500 Exemplares

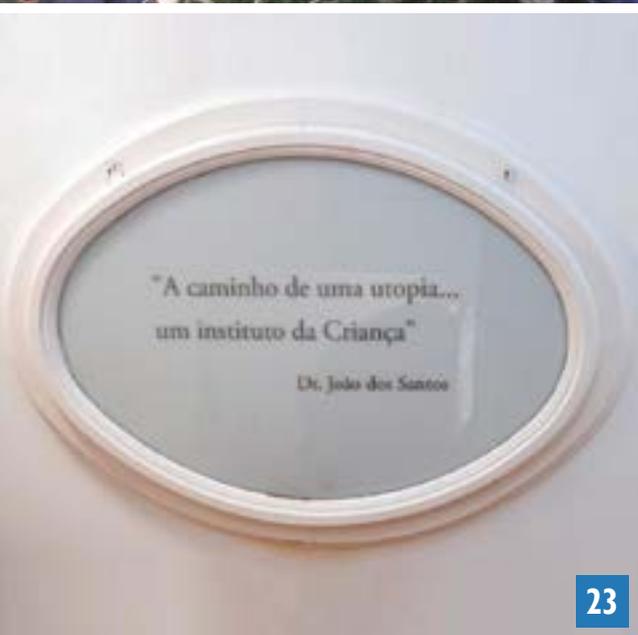
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Disponível em suporte digital para download em www.iacrianca.pt

O **Estatuto Editorial** encontra-se disponível em www.iacrianca.pt



10



23

Manuela Ramalho Eanes

“ Quarenta anos em que a Utopia tem sido uma realidade no nosso dia-a-dia, com um trabalho de excelência de muitas equipas fantásticas, motivadas e competentes, que são referência a nível nacional e internacional. ”

SUMÁRIO

4 EDITORIAL

Dulce Rocha

7 E ASSIM NASCEU O INSTITUTO DE APOIO À CRIANÇA

Manuela Ramalho Eanes

10 DEPOIS DE 40 ANOS, RESPONDEMOS A NOVOS DESAFIOS

Clara Castilho

14 A DEFESA DO DIREITO AO BRINCAR Uma estória de 40 anos no IAC

Carlos Neto

18 O 40.º ANIVERSÁRIO DO IAC, ÓPTIMO, MAS NÃO FALTARÁ UM MINISTÉRIO DA CRIANÇA?

Emílio Eduardo Guerra Salgueiro

22 A VEZ E A VOZ DAS CRIANÇAS

Maria Emília Brederode Santos

23 CONTINUAR A CONSTRUIR UMA “CULTURA DA CRIANÇA”

Daniel Sampaio

24 “SIM, TU ÉS CAPAZ”

Joaquina Madeira

26 O IAC PARA MIM...

Testemunhos de crianças/jovens

28 SOMOS IAC

Testemunhos de técnicos

24





O IAC tem-se destacado sobretudo pela sua ação contra todos os tipos de violência contra a criança.

Fazer um Editorial nesta Revista especial de comemoração dos 40 anos do Instituto de Apoio à Criança é de enorme responsabilidade, pois, não tendo sido fundadora, acompanhei desde sempre a caminhada do IAC e desempenho hoje o cargo de Presidente da Direção, tendo procurado seguir o exemplo de Manuela Ramalho Eanes, fundadora e figura incontornável do Instituto da Criança.

Querer assinalar esta data parece-me justo e necessário, porque é notável a perseverança que leva a uma luta intransigente em que se procura sensibilizar a comunidade e os líderes do País para que a Criança merece ser uma prioridade todos os dias, em todas as áreas, desde a Saúde à Educação, desde a Justiça ao Desporto e desde a Cultura ao Jogo e ao Lazer, desde a Habitação à Segurança Social, com incidência na família, na escola, nos Centros de Saúde ou nos Hospitais, nos Jardins de infância ou nos Parques infantis.

O espírito inovador do IAC foi justamente o de preconizar, na linha do que defendia João dos Santos, que houvesse uma política integrada para a Infância, entendendo-a como titular de Direitos já não apenas com direito a ser protegida, mas também como sujeito ativo e com o direito de ser ouvida e de participar ativamente nas decisões sobre o seu projeto de vida.

O IAC tem-se destacado, sobretudo, pela sua ação contra todos os tipos de violência contra a criança. Desde 1988, criou uma linha telefónica de ajuda que já recebeu mais de cem mil apelos, o “SOS Criança”, que soube evoluir para um serviço com acompanhamento psicológico. Os seus projetos inovadores junto de crianças mais vulneráveis, como é o Projeto das crianças de rua, tiveram intervenções positivas em casos de crianças e jovens em risco; da mesma forma, os serviços de apoio jurídico, as iniciativas na humanização dos serviços de atendimento à Criança, e bem assim a pro-

moção da atividade lúdica são outros sectores em que o IAC tem apostado com sucesso e onde tem feito a diferença.

Nas últimas duas décadas, tem sido feito um investimento significativo em projetos educativos para combater o insucesso e o abandono escolar e nasceram Gabinetes de Apoio ao Aluno e à Família, no âmbito do Projeto da Mediação Escolar, a “Escola Alfaiate” e a Ação “Educar e Formar para Inserir”, agora incluída na Escola de Segunda Oportunidade, Projetos com características de transferibilidade e que gostaríamos muito de replicar, assim tivéssemos apoio financeiro para tanto.

Pedimos alguns testemunhos a membros do Conselho Consultivo, a sócios fundadores e a ilustres amigos que acompanharam a atividade do IAC ao longo dos seus 40 anos e é com orgulho que vemos o reconhecimento de todos deste trabalho que já constitui inegavelmente uma referência na promoção e defesa da Criança no nosso País.

No próximo número, prosseguiremos esta recolha de depoimentos de profissionais de mérito, designadamente, pediatras, juristas, professores, psicólogos, sociólogos, políticos, que têm estado connosco ao longo dos anos, o que para nós se reveste de enorme significado, na medida em que tem sido esta complementaridade do saber que nos tem dado

uma visão mais aproximada da realidade, que é cada vez mais complexa e por isso requer maior exigência quando pensamos em medidas transformadoras. A todos quantos têm colaborado generosamente com os seus textos, quero manifestar o meu reconhecimento.

Os diversos números da nossa revista têm sido muito elogiados pela sua qualidade e sabemos que ela se deve designadamente à preciosa ajuda dos nossos talentosos membros do Conselho Consultivo. É um privilégio contar convosco. Obrigada!

Neste número especial, quero também agradecer mais uma vez às equipas sempre motivadas que dão coerência à nossa ação, aos coordenadores, aos membros dos corpos sociais, sempre cheios de ânimo para prosseguir, com particular menção para os incansáveis membros da Direção e dar uma palavra de muito apreço também à Diretora da nossa Revista que porfiadamente nos dá alento para fazermos os artigos nos

prazos adequadamente definidos.

Por fim, não posso deixar de recordar com gratidão, a nossa querida Presidente Honorária, Manuela Ramalho Eanes, que há 40 anos sonhou o Instituto da Criança e que continua a ser a nossa grande inspiração.

"Querer assinalar esta data parece-me justo e necessário, porque é notável a perseverança que leva a uma luta intransigente, em que se procura sensibilizar a comunidade e os líderes do País que a Criança merece ser uma prioridade todos os dias, em todas as áreas, ..."

DULCE ROCHA

Presidente da Direção do IAC

Esta tarde com

Esta tarde com Manuela Eanes

Instituto de Apoio à Criança dá "primeiros passos"

A esposa do Presidente da República, dr.^a Manuela Eanes, na qualidade de sóciafundadora, estará esta tarde, a partir das 17 horas, na Fundação Calouste Gulbenkian, para presidir ao acto de constituição do Instituto de Apoio à Criança (IAC), organismo que, segundo se pode ler nos seus estatutos, tem como objectivo principal «contribuir para o desenvolvimento integral da criança, na defesa e promoção dos seus direitos».

Propondo-se realizar já no próximo Outono um seminário que terá como temas «A prevenção da deficiência na criança» e «A violência exercida sobre as crianças», o IAC terá em atenção os seguintes aspectos: «A fome e a nutrição», «A criança deficiente», «Cuidados básicos de saúde», «Abandono e insucesso escolar», «Ocupação dos tempos livres» e a «Compreensão dos problemas específicos das minorias étnico-culturais».

Entre as acções a desenvolver, de acordo com os estatutos,

contam-se iniciativas de acção directa tais como a criação de bibliotecas infantis, centros de actividade para crianças, abertura de espaços para o seu acolhimento, nomeadamente, nos meios rurais, nos centros comerciais e outros lugares públicos. Sendo o objectivo principal da criação do Instituto o desenvolvimento da criança na defesa e promoção dos seus direitos, os sóciosfundadores propõem-se realizar programas de informação e sensibilização através da Rádio, Televisão, conferências, debates, colóquios e publicações.

Numa fase inicial, o Instituto funcionará no antigo Colégio dos Inglesinhos, ao Bairro Alto.

A nível de entidades apoiam a iniciativa o padre Virgílio Lopes, da União das Misericórdias, o padre Vitor Melícias, ligado à Associação dos Bombeiros, a Caritas Portuguesa, a Cruz Vermelha, a Associação Cristã da Mocidade (ACM) e, a nível estrangeiro, a UNICEF.

“E assim nasceu O Instituto de Apoio à Criança”

MANUELA RAMALHO EANES

Presidente Honorária do IAC



E stávamos em 1983. Ainda não existia a Convenção sobre os Direitos da Criança (de 20.11.1989 e assinada por Portugal em 21.9.1990) que passou a ser, a nível mundial, um quadro de referência para a ação em favor da criança, agora encarada como sujeito de direitos e com efetivo direito de participação. Esta filosofia veio ao encontro do que o IAC preconizava desde a sua fundação e fortaleceu os seus ideais e objetivos, tornando-os mais visíveis e compreensíveis para todos, com o lema “pela promoção e defesa dos direitos da criança”.

Há quarenta anos, um grupo de pessoas de diferentes áreas profissionais – médicos, magistrados, professores, psicólogos, técnicos de serviço social, educadores – deram vida e juraram amor e fidelidade a um Projeto novo de esperança de um mundo melhor, para as

nossas crianças, onde a paz, a dignidade, a tolerância, a igualdade e a solidariedade fossem uma realidade mais sentida e realizada no dia-a-dia por todos.

Porque temos de ter memória, é sempre bom recordar que na origem desta Instituição esteve o grande médico e pedagogo João dos Santos. Foi ele quem também sonhou o IAC, para além de muitas outras instituições ligadas à Criança, e é dele o livro “A Caminho de uma Utopia – um Instituto da Criança”. Recordo sempre com uma certa emoção o manuscrito que me entregou, em mão, exatamente com o título “A Caminho de uma Utopia – um Instituto da Criança”.

De salientar, ainda, que a grande prioridade para o IAC foi, desde logo, a Criança Maltratada e Abusada Sexualmente de que ninguém falava, nem a própria comunicação social.

Também a intervenção direta em domínios não cobertos pelo Estado nem por outras instituições traduziu-se ainda noutros projetos. Por exemplo, as Crianças de Rua, até então, eram ignoradas em Portugal e na Europa. Mas, apresentado pelo IAC o Projeto sobre esta realidade tão dolorosa e dramática foi o único Projeto inovador a nível europeu aprovado para Portugal ao abrigo do Terceiro Programa de Luta Contra a Pobreza, em 1989. Outros projetos poderíamos anunciar como o SOS-Criança, SOS-Criança Desaparecida; Humanização dos Serviços de Atendimento à Criança; Apoio Jurídico; Atividade Lúdica, etc.

Foram quarenta anos de reflexão, de ajuste a novas realidades sociais, de aglutinação de experiências, de preocupação em identificar, refletir, prevenir e atuar sobre os fatores que geram os problemas da inquietante realidade em que vivem as nossas crianças e jovens, e que desencadeiam comportamentos de risco, cada vez mais imprevisíveis e que, conseqüentemente, exigem respostas prontas, adequadas, criativas e inovadoras.

Quarenta anos de atenção ao pulsar da sociedade, analisando e discutindo com parceiros e outros intervenientes as questões que podem e devem favorecer a mudança de atitudes e de comportamentos, não só do público-alvo – as crianças, mas também das instituições, dos profissionais e do público em geral.

Quarenta anos em que a Utopia tem sido uma realidade no nosso dia-a-dia, com um trabalho de excelência de muitas equipas fantásticas, motivadas e competentes que são referência a nível nacional e internacional.

Agora, apesar de vários compromissos e ligada a várias instituições, continuo como Presidente Honorária (coerentemente com os meus princípios, passei o facho a outra Direção), a participar em várias atividades do IAC e onde tenho também no IAC um gabinete com todas as minhas intervenções, em Conferências, Congressos, prefácios, vários livros, prémios e outras recordações de momentos muito gratificantes. Sempre sensibilizada com o afeto e o carinho como sou tratada. E com um imenso orgulho no nosso trabalho em conjunto e parceria. Presto, ainda, homenagem a todos os que, ao longo destes anos, com sacrifício pessoal e familiar ajudaram a abrir caminhos, a alterar leis, a mudar mentalidades, a realizarem Projetos, sempre de mãos dadas com outras instituições, a vencer indiferenças e a criar condições para que as Nossas Crianças e suas Famílias não tenham tanto sofrimento e tanta violência nas suas Vidas, mas sim outras condições, de mais alegria, bem-estar e mais dignidade.

Sabemos que há ainda muito a fazer, mas sabemos também que como diz Ernest Bloch: “Utopia não é o impossível, mas sim o que ainda não foi possível”.

Reconhecimento Público da

Ação Desenvolvida



Medalha de Serviços Distintos Grau “Ouro”, 2015

Ministério da Saúde

Prémio Direitos Humanos, 2014

Assembleia da República

Membro-Honorário da Ordem do Mérito, 2008

Presidente da República

Prémio dos Direitos Humanos Ângelo d’Almeida Ribeiro, 2005

Ordem dos Advogados

DEPOIS DE 40 ANOS

Respondemos a Novos Desafios

Clara Castilho

Psicóloga Clínica,
Vice-Presidente da Mesa da Assembleia Geral do IAC



A 31 de maio de 1984, levava eu à Fundação Gulbenkian um texto de João dos Santos, então hospitalizado, para ser lido no Seminário “A Criança em Portugal: Que Direitos?”. Desejava ele para o IAC: “Que se torne no defensor daquilo que de mais terno ou amoroso existe nos adultos como reflexo favorável do que foi a sua própria infância”. Tratava-se de um primeiro momento de organização pública, mostrando as motivações mais fortes, o âmbito em que o Instituto de Apoio à Criança, criado a 13 de março do ano anterior, tencionava intervir. É avançado no nosso site que “Foi a primeira vez em Portugal que, de forma pluridisciplinar e pública, se quebrou o tabu da violência contra a criança, dado que nem a própria comunicação social estava desperta para esta temática”.

Como responsável do Boletim do IAC e agora diretora desta Revista, assim como fazendo parte da Mesa da Assembleia Geral do Instituto (já lá vão uns quinze anos), tenho tido oportunidade de ir acompanhando, desde 1990, as

atividades desta organização. Pude ver de perto o modo como tem vindo a progredir, como tem vindo a ajustar-se às necessidades a cada momento identificadas, como tem sabido levar a sociedade e ela se juntar, para melhor responder aos assuntos relacionados com a criança, com a sua saúde física e psíquica, com a sua segurança, com a educação, formação e bem-estar. E aqui quero lembrar como, há três anos, na difícil situação de pandemia, os técnicos se souberam reinventar para dar resposta aos problemas específicos do momento, com respostas mesmo a distância, mas que as atuais tecnologias permitiram, e com estudos sobre a conjuntura.

Para prosseguir todas as atividades, há que encontrar formas financeiras para o fazer, numa procura constante. Junto do Estado, até porque se deram e dão respostas inovadoras a problemas ainda não identificados, em assuntos que o Estado Social deveria estar a encontrar soluções. Junto de entidades com fins lucrativos que possam ser parceiras. Junto de outros parceiros que é preciso sensibilizar para



aproveitar sinergias. Para isto é preciso “fazer prova” de que aquilo a que nos propomos é uma “mais valia”, em que vale a pena investir.

E aqui, vemos que se, por um lado, temos as intervenções diretas junto de crianças e famílias (possíveis de quantificar e que todos os dias são divulgadas nas redes sociais), há que não esquecer tudo o que se faz na área de prevenção, tudo o que decorre do olhar atento e do saber auscultar a sociedade.

A título de exemplo, como se quantificam as repercussões de ações de formação, da leitura de documentos divulgados? Como se quantificam as mais valias de estudos realizados e do experimentar de novas metodologias? Como se quantificam os benefícios de alterações de legislações para as quais tanto lutámos?

Exemplo disso é a presença da Direção do Instituto em várias audiências na Assembleia da República. O documento aí entregue “Superior Interesse da Criança na perspetiva do res-

peito pelos seus direitos”, (<https://iacrianca.pt/wp-content/uploads/2020/07/o-superior-interesse-da-crianca.pdf>) assinado por mais de trezentas personalidades especialistas, que pedia o reconhecimento pela lei do papel dos afetos na vida das crianças (não apenas como princípio, mas como verdadeiro direito), muito contribuiu para a alteração da Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo, através da revisão de 2015.

Mas também podemos referir as ações relativas à figura de “crime continuado” (dado que consideramos que a prática reiterada de maus-tratos ou de abusos sexuais, era um atentado à dignidade humana e à consideração devida à vítima, particularmente à criança vítima), foram recompensadas com a alteração do art.º 30.º do Código Penal. E falar das iniciativas para implementar, de facto, o princípio da audição da criança que se traduz na concretização do direito à palavra e à expressão da sua vontade e à sua participação nos processos que lhe digam respeito, dignificando o Direito à Participação. Ou ainda a iniciativa da petição (lançada no

Dia da Criança de 2020), que pretendeu levar à discussão na Comissão de Liberdades Direitos e Garantias da Assembleia da República o alargamento do âmbito do Estatuto de Vítima existente, para passar a incluir as crianças expostas à violência intrafamiliar (a par das que são já protegidas pelo Estatuto enquanto vítimas diretas do crime de violência doméstica), e que contou com mais de 49.000 assinaturas, em nome pessoal e de diversas organizações. Falar, ainda, do convite recente, por parte do Ministério da Justiça, para participarmos num grupo de trabalho sobre “vítimas de abuso”.

Como se quantificam os benefícios de aglutinar sinergias de vários parceiros (nacionais e estrangeiros) para tentar responder a um determinado problema identificado? É que, para além do Direito à Educação, à Saúde, à Protecção, a Brincar, direitos mais inovadores e emblemáticos se apresentam de forma menos direta, mas a que urge dar resposta: o Direito à não Violência, o Direito à não Discriminação e à Recuperação Psicológica e o Direito à Participação da Criança. A nossa mais recente campanha “Nem mais uma palmada” (<https://iacrianca.pt/nem-mais-uma-palmada/>) é disso exemplo. A adesão que tem tido é verdadeiramente compensadora.

A constituição do Conselho Consultivo, em outubro de 2019, anunciada no Encontro que celebrava o 30.º Aniversário da Convenção sobre os Direitos da Criança, correspondeu a uma alteração dos Estatutos aprovada em 2015, e foram escolhidos profissionais de grande credibilidade, comprometidos com os Direitos Humanos. O facto de tão ilustres personalidades terem aceite dele fazer parte, partilhando connosco os seus saberes, enche-nos de orgulho, pelo reconhecimento do nos-

so trabalho. Aproveito a oportunidade para agradecer a colaboração dos que já aceitaram escrever para esta Revista.

O Instituto tem o dever de reconhecer, no que diz respeito às instalações onde funcionou e agora funciona, o apoio da Fundação Gulbenkian, com a cedência de instalações na Avenida de Berna, e da Câmara Municipal de Lisboa. Desde 1992 no Largo da Memória e agora na Av. Da República, onde a nova sede foi inaugurada no dia 2 de abril de 2019.

Decorrente desta mudança, sentiu-se a necessidade de centralizar e congregar serviços, num novo modelo organizativo funcional de respostas, assegurando que os recursos materiais e humanos fossem utilizados de forma mais eficaz. Neste sentido, o último trimestre de 2019 viu aparecer as chamadas “áreas transversais”, tendo em vista assessorar a Direção na definição de estratégias de representação e de divulgação do trabalho desenvolvido pelos diferentes serviços intervenientes do IAC.

A área do Conhecimento e Formação gere a formação do IAC, de forma a garantir que o Instituto se mantém na vanguarda dos Direitos da Criança. Recolhe, produz, gere e disponibiliza informação e conhecimento necessários e relevantes no âmbito da intervenção do Instituto. Define programas e iniciativas de formação (externa e interna) para os seus colaboradores.

A área do Marketing, Comunicação e Projetos planeia a estratégia de marketing, comunicação e projetos do IAC, na sua relação com os média, na dinamização das redes sociais, na criação de materiais de comunicação para diferentes fins e no planeamento de eventos, assim

como implementa e supervisiona a estratégia de angariação de fundos, nas suas várias vertentes, consideradas necessárias para a sustentabilidade da instituição.

A área da Cooperação Nacional e Internacional potencia o trabalho em parceria, ao nível nacional e internacional, contribuindo para a adequação das políticas integradas nas áreas da infância e juventude, tendo em vista o desenvolvimento, manutenção e operacionalização da rede de parceiros que estão alinhados com a missão do IAC.

Parcerias em 2022

156 AÇÃO SOCIAL
SOLIDARIEDADE

72 EDUCAÇÃO

16 SAÚDE

9 JUSTIÇA

23 ORGANISMOS
INTERNACIONAIS

31 OUTROS
PARCEIROS

Trabalhando eu fora do Instituto, na área de apoio psicológico, com crianças e famílias, posso perceber como, muitas vezes, só o facto de se saber que existe quem nos possa ajudar, é importante e permite parar caminhos mais sofredores para o próprio e, por vezes, com consequências graves para a sociedade. Recordo o pedopsiquiatra Boris Cyrulnik, vítima enquanto criança do fascismo nazi, que defendeu que “todas as tristezas são suportáveis se fizermos delas uma história” (1999). E é essa nova história que diariamente as crianças apoiadas pelo Instituto vão fazendo. É essa nova história, menos sofredora e com mais esperança, que todos os

dias faz encolher as perspetivas negativas.

Entrámos no 40.º ano de vida cheios de novos desafios. Para além dos Serviços já de todos conhecidos, (e refiro-me a Actividade Lúdica, Serviços de Atendimento à Criança, Projecto Rua “Em Família para Crescer”, Rede Construir Juntos e Rede Juvenil Crescer Juntos, SOS-Criança, Serviço Jurídico), convido-vos a lerem o Plano de Atividades para 2023 (<https://iacrianca.pt/wp-content/uploads/plano-atividades-2023-com-atas-final-digital.pdf>) e seguirem aquilo a que nos propomos.

Agora, podemos ver a existência de novos Projetos, que correspondem a novos desafios e resultam de novas candidaturas: Consultório Social, Brincar Ontem, Hoje e Amanhã, Centro Comunitário de Coimbra, Conscious Parent Academy – Replacement parent urgently needed!, Crescer e Aprender na Rua com Direitos, Educa (CON)dado, Escola de Segunda Oportunidade – Educar e Formar para Inserir – Lisboa, Escolas de (e a) Brincar, Gerações Online – Mediação Juvenil e Programa Proinfância.

Para finalizar, é da maior justiça lembrarmos alguns dos nossos sócios mais ativos e que já nos deixaram, mas que muito nos deram com o seu saber e dedicação. É o caso de Natália Pais na Defesa do Brincar. De Aurora Fonseca com o seu livro “Guia dos Direitos da Criança”. De Maria de Lourdes Levy, na Humanização dos Hospitais. De Matilde Rosa Araújo, com a beleza dos seus livros que tanto deliciaram (e deliciam) todos os que a leem. Matilde que nos diz no seu poema “os Direitos da Criança”: “A criança deverá receber/Amor,/Alimentação,/Casa,/Cuidados médicos,/O amor sereno de mãe e pai./ Ela vai poder/Rir,/Brincar,/Crescer,/Aprender a ser feliz...” palavras que são o nosso lema.



“A Defesa do Direito ao Brincar Uma estória de 40 anos no IAC”

CARLOS NETO

Professor Catedrático e Jubilado, Departamento de Saúde e Desporto e Laboratório de Comportamento Motor, Faculdade de Motricidade Humana, Universidade de Lisboa.

Membro do Conselho Consultivo do IAC.

O IAC foi dirigido superiormente pela Dr.^a Manuela Ramalho Eanes com a qual colaboramos durante longos anos partilhando a sua genial energia e visão democrática de olhar e zelar pelos interesses e direitos das crianças. Assim continua hoje com a equipa presidida pela sabedoria da Dr.^a Dulce Rocha. Para além da nossa participação na política de desenvolvimento global do IAC (Conselho Coordenador de 20 de dezembro de 1988 a 29 de janeiro de 1993), o nosso trabalho incidiu principalmente na criação do grupo de Atividade Lúdica e Animação (1983), em conjunto com a Dr.^a Natália Pais (infelizmente já não está entre nós) que era diretora do Centro de Arte Infantil da Fundação Calouste Gulbenkian e a Dr.^a Ana Pessanha mestre em artes e mais tarde doutorada pela FMH em Motricidade Humana com um trabalho científico sobre ludotecas. Este grupo teve como objetivo fundamental a defesa do

direito de crianças ao jogo (art.º 31 da Declaração Internacional dos Direitos da Criança), reconhecendo a sua importância para o desenvolvimento infantil. Procura ainda a valorização do significado sociocultural, pedagógico e educativo do jogo e do brinquedo. Neste sentido, estivemos na origem da criação das Ludotecas em Portugal e no desenvolvimento de projetos sobre os Espaços de Recreio e Jogo ao Ar Livre (Parques Infantis). Destacamos algumas das iniciativas e atividades em que participámos mais ativamente: representação ativa na “International Toy Libraries” através de iniciativas nacionais e internacionais; organização de cursos de formação de ludotecários e animadores de espaços de jogo; organização de congressos e seminários com relevo especial para os dois Encontros sobre Jogo e Perspetivas de Investigação realizados na Fundação Calouste Gulbenkian em 1991 e 1993; Os Jogos nos Países do Mediterrâneo (Fundação Gulbenkian, 1993)

e os seis Encontros Nacionais de Ludotecas e Espaços de Jogo (Lisboa, Porto, Coimbra); representação em congressos internacionais com destaque para o Encontro da Associação Internacional de Ludotecas (ITLA) realizado em Turim-Itália e os congressos Mundiais da "International Association for Child's Right to Play (IPA) " que tiveram lugar em Melbourne-Austrália (1993), Helsínquia-Finlândia (1996) e ainda a organização de uma reunião do "Board" do IPA em Lisboa (1994) e o Congresso Mundial do IPA realizado na FMH em junho de 1999; criação da Federação Nacional de Ludotecas, fazendo parte da comissão instaladora; na representação oficial Portuguesa na "International Playground Association" (IPA e da qual fazemos parte; no apoio técnico a projetos comunitários no âmbito das ludotecas e espaços de jogo; na realização de trabalhos de pesquisa em cooperação com diversas instituições, com destaque particular para o ISEF e mais tarde a FMH e Conselho Nacional de Qualidade (Instituto de Defesa do Consumidor).

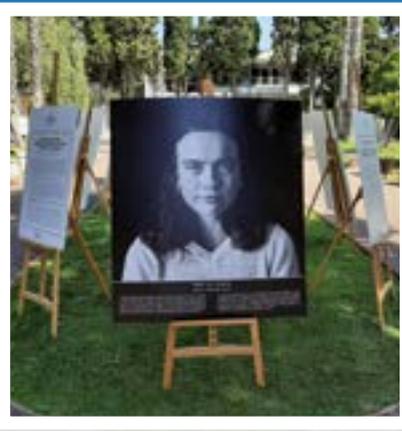
Foi também muito enriquecedora a nossa participação como membro do "Board" e Representante Oficial de Portugal na "International Association for the Child's Right to Play" (IPA) (desde 1990). A IPA é uma organização multidisciplinar, não governamental, agregada pelo Conselho Económico e Social das Nações Unidas (ECOSOC) e tendo um estatuto consultivo junto da UNICEF (FISE) e UNESCO. A IPA é um fórum internacional e um promotor do desenvolvimento das oportunidades e defesa dos direitos ao jogo da criança. Organiza conferências regionais e nacionais. Tem um congresso mundial de três em três anos e realiza regularmente "meetings" do "Board" e dos representantes de cada País membro (cerca de 40). Publica uma revista de divulgação (Play

Right's) dedicada à investigação e intervenção sobre o jogo. Como representante Português deste em ligação às atividades do Instituto de Apoio à Criança e às de formação e investigação na FMH, o nosso trabalho centra-se na divulgação das iniciativas do IPA, representar Portugal nos eventos internacionais e divulgar o trabalho realizado no nosso País. No congresso Internacional realizado em Helsínquia - Finlândia (agosto de 1996) foi apresentada e aprovada a candidatura para a realização do Congresso do Mundo em Lisboa em junho de 1999 (Faculdade de Motricidade Humana, Câmara Municipal de Lisboa e Instituto de Apoio à Criança). Na reunião do "Board" que teve lugar em S. Paulo (3 a 15 de novembro de 1997) foi ratificada a nossa proposta e marcada a data de 21 a 25 de junho de 1999 com a designação geral de "The Community of Play". Do trabalho realizado nos últimos anos, devemos salientar ainda a organização de uma reunião do "Board" que teve lugar em Lisboa durante o ano de 1994 quando da realização do Congresso de Ludotecas e Espaços de Jogo organizado pelo IAC e FMH, a representação na Conferência de Antuérpia e reunião do "Board" de 13 a 19 de abril de 1998 e a realização da XIV Conferência Mundial do IPA nas instalações da FMH. Mais recentemente (2019), foi criado o IPA Portugal que procurará estruturar-se como uma Organização Não Governamental (ONG), na defesa dos direitos da criança ao brincar, representar Portugal no IPA Internacional e dar a conhecer as experiências diversas realizadas (investigação, projetos de intervenção e outras iniciativas). As crianças brincam cada vez menos em casa, na escola, na rua, na cidade e na natureza. Este direito da criança não pode ser negligenciado e deve ser promovido em todos os contextos e formas de atividade.



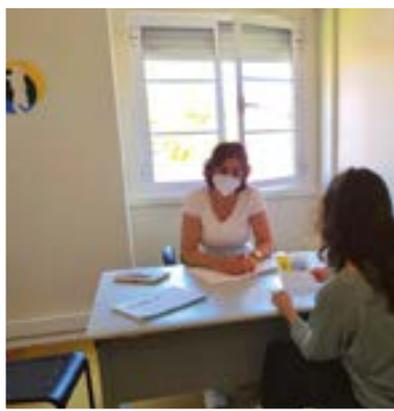
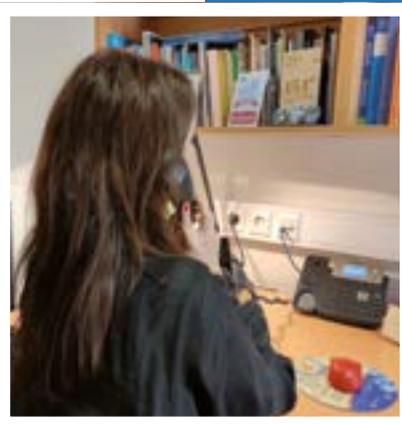
IAC





DESDE 1983

na defesa e promoção dos direitos da criança.





“O 40.º aniversário do IAC, ótimo, mas não faltará um ministério da criança?”

EMÍLIO EDUARDO GUERRA SALGUEIRO

Pedopsiquiatra e Psicanalista, Sócio Fundador do IAC e membro do Conselho Consultivo do IAC.

A relação entre nós, adultos, e as crianças, tem sofrido. ao longo dos tempos, grandes oscilações, tanto para o lado positivo como para o negativo, desde a criança tida como bebé-rei, prenda do Universo e assim ser amada, à criança tomada como um empecilho, fonte de desamor e desinteresse, e passando, também, inevitavelmente, pela criança maltratada ou a maltratar, e pela criança sexualmente abusada ou a abusar.

A muito recente controvérsia sobre o abuso sexual de crianças (com a designação pseudo-científica de pedofilia, expressão tranquilizadora: «é uma doença!»), não pode deixar de nos levar a uma reflexão aprofundada sobre o valor pessoal e social das crianças usadas e aprisionadas nestas situações e, ainda, conseguirmos chegar a entender e a modificar o que pode levar adultos ou pseudo-adultos a estes extremos de abusos e maus-tratos.

João dos Santos dizia, com grande sagesa e sensibilidade, a propósito de um pai ter abusado sexualmente de uma sua filha-criança, que não tinha qualquer vontade de falar com este pai, tal a enormidade a seus olhos do acto cometido.

O recente relatório, resultado da investigação de um grupo de homens e mulheres experientes, com grande maturidade social e muito boa vontade pessoal, sobre a ocorrência destes abusos no seio da Igreja Católica, ajuda-nos a entender um pouco melhor o que se passará tanto da parte dos abusadores como da parte dos abusados.

A carreira eclesiástica católica, que abrange tanto jovens no fim da adolescência como adultos, obriga ao celibato, quase impossível de seguir com algum rigor, dada a natural emergência corporal, hormonal, mental e espiritual da sexualidade humana que, inevitavelmente,

rompe, cresce e se consolida nessas idades e procura parceiros complacentes.

As crianças e os jovens também têm a sua evolução psicosssexual, mas que é completamente distinta e imatura, comparada com a sexualidade adulta destas pessoas bem mais crescidas, que terão escolhido e vão percorrendo as etapas do caminho eclesíástico.

É o fogo e o fósforo, é o fogo (sexualidade adulta, reprimida) que se aproxima e atrai o fósforo (psicosssexualidade infantil, tomada como sexualidade adulta): é quase inevitável a combustão, sobretudo se a criança-fósforo não sentir ou não tiver tido o apoio de uma família bem presente, atenta, apoiante e bem pensante.

O Instituto de Apoio à Criança (I.A.C.) emergiu em 1983, de um sentimento generalizado, mas talvez expresso com mais clareza pelos seus fundadores - pessoas de boa vontade, impregnadas pelo espírito do 25 de Abril - de haver uma infinidade de necessidades sociais e pessoais das nossas crianças, para as quais não havia uma resposta suficiente, tanto qualitativa como quantitativamente.

Os abusos de todo o tipo - onde se incluem com particular relevância e atualidade os sexuais - foram tendo iniciativas de intervenção, que se procurou que fossem bem ajustadas às necessidades das crianças, necessidades que o I.A.C. ia trazendo à luz do dia.

A inspiração e o bom fôlego inicial dado por João dos Santos, que já publicara em 1982, o livro «A caminho de uma utopia...Um instituto da criança», e a energia sensata e bem dirigida trazida pela Manuela Eanes, foram levando a um reconhecimento progressivo do valor pessoal, social e político do I.A.C., induzindo, com alguma facilidade, a vontade de colaboração de pessoas e de instituições, públicas e privadas. Hoje em dia, com o empenhamento da Dra. Dulce Rocha e colaboradores, tem sido dada uma boa continuidade ao fulgor inicial de há 40 anos.

Foi-lhe atribuído o estatuto de I.P.S.S., e reconhecida como Instituição de Utilidade Pública, pela importância das iniciativas que foi tomando e pelos resultados que foi obtendo.

Muito já foi feito, mas muito, mesmo muito, ainda está por fazer – aliás é infundável tudo o que há a fazer pelas crianças do nosso país, aliás, a fazer pelo nosso próprio país, estruturas, instituições e pessoas inseparáveis umas das outras.

Recordemos alguns dos pontos altos de intervenções já conseguidas pelo I.A. C. ao longo dos seus 40 anos, procurando dar sempre prioridade às crianças em risco, seja por terem sido abandonadas, maltratadas, insuficientemente valorizadas e amadas, desaparecidas ou, como já foi recordado, exploradas sexualmente.

Ainda no ano da fundação, 1983, foi criado um sector de Atividade Lúdica, com Ludotecas e Espaços Lúdicos.

"... é infundável tudo o que há a fazer pelas crianças do nosso país, ... estruturas, instituições e pessoas inseparáveis umas das outras."

Em 1984, com a organização na Fundação Calouste Gulbenkian, do seminário «A criança em Portugal: que direitos?», ajudou a dar direito de evidência pública à realidade da existência de violência dos adultos contra as crianças, facto com frequência negado.

É de sublinhar, em 1988, a criação da linha telefónica «S.O.S. criança», que permitiu o auxílio efetivo e urgente a situações críticas e dolorosas, que, de outro modo, teriam ficado ocultas, e isto, por vezes a partir de um simples telefonema feito pelas próprias crianças.

Em 1989, foi iniciado um trabalho com «Crianças de rua», e outro sobre «A humanização dos Hospitais», intervenções necessárias e que produziram resultados muito positivos.

São muitas, mesmo muitas, as iniciativas do I.A.C. ao longo dos anos 80, 90, 2000, 2010 e 2020, até aos seus 40 anos de existência atuais, tendo sido dados acima apenas alguns exemplos dos seus tipos de intervenção primordial.

Haveria ainda que falar no lançamento de diversos tipos de publicações, incluindo livros e um regular boletim informativo de boa qualidade, que pormenoriza as suas atividades.

Como um dos fundadores do Instituto de Apoio à Criança, sinto-me reconhecido e agradecido a muitas pessoas e instituições, por todo o esforço, podemos dizer coletivo, que foi permitindo esta caminhada, por vezes penosa, muitas vezes exaltante.

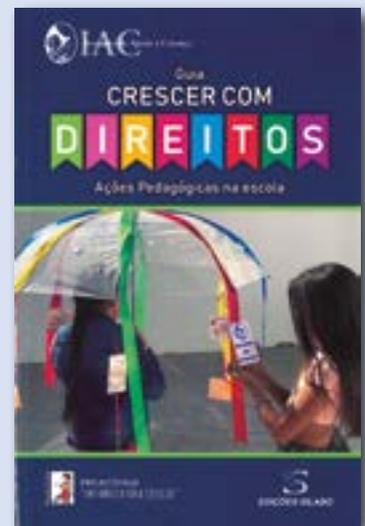
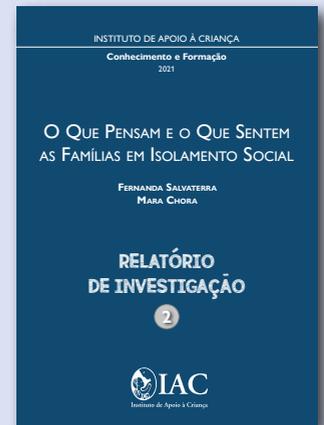
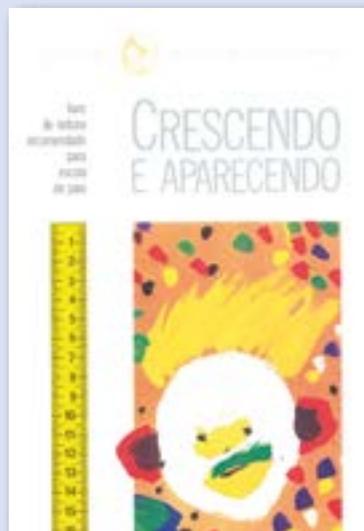
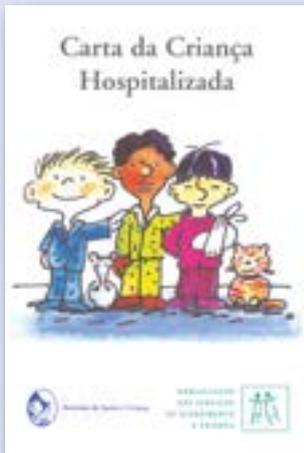
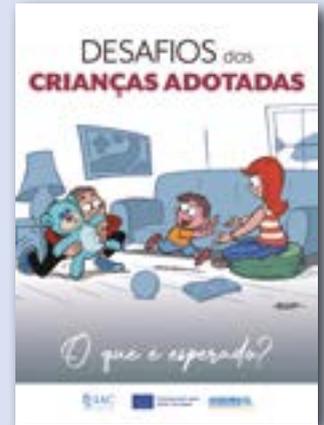
Creio que tanto os outros membros fundadores, como todos os que têm vindo a sentir a importância do I.A.C., adultos e mesmo crian-

ças, partilham a força destas palavras e reconhecem o peso do que foi feito nestes 40 anos.

João dos Santos, pelo menos em desejo e intenção, tenho a certeza que subiria da importância da criação do seu Instituto da Criança para o de um verdadeiro Ministério da Criança! A política tem de desempenhar um papel de primeira água na ajuda a estas transformações.

De qualquer modo, nos próximos 40 anos o I.A.C., dado o prestígio que já adquiriu, pode e continuar a dar um grande «empurrão» para a frente, na área da prevenção das formas mais gritantes de abuso das crianças, abusos de todos os tipos, tirados de um silenciamento que o presente já não aceita.

Não esqueçamos o que se viu na atualidade, da enorme dificuldade que as estruturas católicas superiores têm tido em aceitar as conclusões a que o recente grupo de investigação, com grande empenho e seriedade chegou, dos abusos sexuais de crianças cometidos por padres: desejo da continuação de uma necessidade de ocultação e negação. Cá está um campo de intervenção potencial em que o I.A.C. pode colaborar.



IAC cria serviço telefónico para promover direitos da Criança

O JORNAL, 27/01/1989

O Instituto de Apoio à Criança criou um serviço telefónico que visa a defesa e a promoção dos direitos da criança. Trata-se do «SOS — Criança», que funciona desde o passado mês de Novembro.

Este serviço que, segundo o IAC, «ajuda a reflectir, fornecendo a informação e/ou orientação», está orga-

nizado em quatro áreas: Serviços Sociais e Tempos Livres, Escola e Orientação vocacional, Jurídico-Direito da Família e Menores, e, Psicologia do desenvolvimento e da Educação.

Na fase inicial, o «SOS — Criança» funciona de segunda a sexta, das 13 às 18 horas, através do telefone 731617, da rede de Lisboa.

“A Vez e a Voz das Crianças,”

MARIA EMÍLIA BREDERODE SANTOS

Presidente do Conselho Nacional de Educação entre 2017 e 2022 e Sócia Fundadora do IAC.

Num balanço festivo dos 40 anos do IAC, recordaria o seu valioso papel na defesa das crianças em situação mais vulnerável: desde a criação do “SOS Criança” à colaboração na busca internacional de crianças desaparecidas, à campanha atual contra a violência doméstica com o “Nem mais uma palmada.” ou à gestão e colaboração em programas escolares orientados para os mais necessitados de apoio e amparo.

Mas o papel do IAC tem sido mais vasto e mais transversal a toda a sociedade: é de salientar a sua defesa e promoção dos direitos de todas as

crianças — em casa, na escola, na rua, na cidade. Pelo seu bem-estar, pelo seu desenvolvimento saudável, pelo seu direito a brincar (recordemos Natália Pais e as ludotecas), pelo seu direito à informação e a ver a sua participação ser respeitada e considerada em todas as opções que lhes digam respeito inclusive na sua vida escolar.

É para uma mudança civilizacional que o IAC tem contribuído ao defender a criança como um cidadão, os direitos de TODAS as crianças e uma transformação das instituições em que se inserem de modo a que respeitem, protejam e promovam a vez e a voz das crianças.

“Continuar a construir uma «cultura da criança»”

DANIEL SAMPAIO

Professor Catedrático Jubilado de Psiquiatria e Saúde Mental, Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.
Membro do Conselho Consultivo do IAC.

Em 1983, o psicanalista e psiquiatra da Infância e Adolescência Dr. João dos Santos escreveu o livro «A caminho de uma utopia... um Instituto da Criança» e lançou as bases para o que hoje conhecemos como IAC – o Instituto de Apoio à Criança. Foi a Dra. Manuela Ramalho Eanes que, com a perseverança e dinamismo que sempre a caracterizaram, transformou a utopia em realidade.

João dos Santos defendia a criação de uma verdadeira «cultura da criança», colocando-a no centro das preocupações da sociedade e considerando-a como pessoa única, detentora dos seus direitos. Quarenta anos depois, essa é a filosofia do atual IAC, que todos conhecemos.

Tenho acompanhado o trabalho do IAC nestas quatro décadas e sou testemunha da impor-



tância de muitas das suas ações na defesa das crianças. A equipa atual, coordenada pela Dra. Dulce Rocha, tem mantido esta linha de atuação, tornando cada vez mais relevante a ação deste Instituto.

De entre as inúmeras iniciativas do IAC, quero destacar a intervenção junto das crianças de rua, a dinamização dos mediadores escolares, a Linha SOS Criança e a campanha contra a violência doméstica face aos mais novos. Em todas estas propostas, os colaboradores do IAC souberam atuar com persistência, empatia e competência, mesmo quando não dispuseram de todos os apoios que mereciam para os seus projetos.

Ainda não está totalmente cumprida a «cultura da criança», que João dos Santos defendia na sua «utopia». Mas, quarenta anos depois, o IAC é uma referência na luta por essa cultura.



“*Sim,
TU és Capaz*”

JOAQUINA MADEIRA

Assistente Social

Conta certa lenda, que estavam duas crianças patinando num lago congelado. De repente o gelo quebrou e uma das crianças caiu, ficando presa na fenda que se formou. A outra vendo o seu amiguinho preso golpeou o gelo com todas as suas forças, conseguindo por fim quebrá-lo e libertar o amiguinho.

Quando os bombeiros chegaram perguntaram ao menino “como conseguiste fazer isto tão pequeno e com as mãos tão frágeis?!”

Nesse instante, um ancião que passava pelo local comentou: “Eu sei como ele conseguiu. É simples. Não havia ninguém ao seu redor para lhe dizer que não seria capaz”

“Sim, tu és capaz” poucas palavras, alto significado pois traduzem o reforço positivo que as nossas crianças precisam de ouvir todos os dias.

Elas têm, no entanto, como pressuposto o que o Instituto de Apoio à Criança vem propondo e defendendo ao longo dos 40 anos de trabalho profícuo e consequente: que as crianças vivam o seu tempo de criança, cuidadas e educadas para o conhecimento e responsabilidade, que se sintam seguras e autoconfiantes e que sejam respeitadas na sua individualidade como pessoas e como cidadãs de pleno direito.

Estes objetivos e finalidades têm vindo a ser concretizados através de múltiplas formas e de uma diversidade de iniciativas, quer no âmbito mais vasto de sensibilização e de informação da opinião pública, quer no âmbito da denúncia aos atropelos dos Direitos das Crianças, quer no desenvolvimento de estratégias de “advocacy” junto das instituições e dos poderes políticos e do uso do direito à iniciativa legislativa, quer através de ações concretas realizadoras e colaborativas nos territórios com as crianças e as suas famílias.

Foi neste contexto de ação local e a nível micro, que, no início dos anos 90, o IAC viu aprovada pela Comissão Europeia o que se denominava então “Iniciativa Inovadora” na área das crianças em perigo. O Projecto Rua, assim ficou conhecido, visava responder a um problema emergente e grave, vivido por algumas dezenas de crianças que deambulavam de noite e dia sobretudo na Baixa de Lisboa, longe dos seus bairros residenciais e das suas famílias, completamente desprotegidas e em perigo.

Em menos de 3 anos o problema foi praticamente resolvido, graças ao modelo de intervenção utilizado em todos os parâmetros inovador e as crianças, sempre acompanhadas pela equipas do IAC, regressaram às suas comunidades de vida, às famílias e às escolas.

Após esta fase o projeto foi reformulado passando a intervenção a ganhar uma perspetiva de prevenção, atuando lá onde as crianças viviam, os bairros residenciais, onde era possível trabalhar de forma cooperativa e em “rede” com os agentes locais, criando assim as condições necessárias de proteção e segurança das crianças e famílias.

“Sim, tu és capaz” será talvez em síntese a finalidade última que o IAC ambiciona, quando no prosseguimento da sua missão pugna para que

todas as crianças sem exceção tenham condições de vida dignas, oportunidades para desenvolverem as suas capacidades, competências e talentos se sintam realizadas, confiantes e seguras para construir as suas vidas com sentido e com propósito.

Sonho? Utopia?

Não há nada como a utopia para criar o futuro...

Muito obrigada ao IAC pelo tanto que já fez, mas também pelo que sabemos continuará a fazer por todos, por nós, sociedade, e pelas nossas crianças.

Mas são as pessoas que realizam a missão das instituições.

Uma palavra de apreço e de agradecimento a todas pessoas, incansáveis e comprometidas que “fazem” o IAC acontecer todos os dias.

Um obrigada redobrado à sua fundadora Sr.^a Dr.^a Manuela Eanes e co-fundadores, pela ideia, pela visão e pela entrega na criação e no desenvolvimento do Instituto de Apoio à Criança, que tanta falta fazia e, infelizmente ainda faz, a Portugal.

O IAC para mim...

TESTEMUNHOS DE CRIANÇAS/JOVENS

O IAC foi tendo influência na minha família, na minha mãe; a mim, pessoalmente, ajudou-me, reabilitou-me. Na minha adolescência fiz coisas que não estavam certas, andava por maus caminhos, e o IAC acreditou em mim e fez-me ter a perceção de que eu podia ser mais do que aquilo que estava a ser até ao momento. Foi nesse momento que senti que conseguia evoluir, afastei-me de tudo o que era prejudicial para mim e acabei por conseguir concluir a escolaridade.

Hoje em dia passo o meu testemunho a miúdos acompanhados pelo IAC que estão na mesma situação em que eu estava, e que não têm essa perceção. Tenho o máximo respeito pelo IAC e assumo que teve um papel importante na minha vida, na minha reabilitação, senão teria sido complicado.

(...) É muito mais simples viver quando se sabe que existe alguém que nos ouve e entende e nos ajuda a compreender que afinal não somos "extraterrestres" e que o mundo não é um bicho feio, mesmo que por mais não fosse, por existirem pessoas assim, que nos dão tanto sem pedir nada em troca. Hoje, passados quase 10 anos desde a primeira vez que telefonei para o SOS, posso dizer que sinto as consequências mais do que positivas dessas chamadas telefónicas que fiz. A ajuda que recebi no próprio modo de encarar a vida, de uma maneira menos sofrida, foi fundamental numa altura em que tudo se construía e tudo se desmoronava, e ficou cá, ficou em mim. Obrigada!"

Através do IAC pude crescer, aprender uma nova realidade do mundo. Uma aventura que nunca esquecerei apenas agradecerei. Obrigada, IAC.

Pude-me tomar um novo "eu", mulher realizada, ou seja, uma mulher que tem tudo para vencer na vida. O IAC mostrou-me a visão que todos nós somos especiais sejamos de etnias diferentes não interessa de onde vimos, mas sim para onde queremos ir. Obrigada, IAC!

Como todas essas crianças que vocês ajudam, eu já fui uma. E, como a vossa instituição, luto pelos direitos das crianças e dos jovens. Este e-mail não serve para falar de mim, serve apenas para demonstrar gratidão. Gratidão que fizeram muitas crianças sentir até hoje. Gratidão por ambicionarem um mundo melhor, mais brilhante. Gratidão por gerirem o vosso tempo em torno de causas importantes. Gratidão por todos os funcionários e voluntários. Gratidão por todos os sorrisos que colocaram na cara de uma criança que, com um gesto tão simples, entendeu perfeitamente o que era AMOR. Um obrigado a toda a equipa e votos de uma boa vida, tão boa como a das crianças que ajudam!

Com o IAC tive oportunidade de aprofundar os meus conhecimentos relativamente aos perigos existentes na Internet. Com esta sessão fiquei a saber mais informações quanto às redes sociais e também principalmente a quem recorrer em caso de estar a passar por algum tipo de cyberbullying.

"Simples Erros"

**É nos erros
Que nós vimos o que é duro
É nos erros
Que nós vimos o futuro.
Erros,
Simplesmente erros,
Em que vimos e sentimos o que
realmente são as pessoas
Pessoas que marcam e ficam
Pessoas que desaparecem e morrem
Bem, um pouco de tudo
Mas é assim que se constrói
o futuro.
Espero nunca me esquecer das
pessoas que me fizeram bem
Como assim espero que elas
também não me esqueçam
Um muito obrigada a essas pessoas
E que um dia voltaremos
a encontrar-nos.**

Este poema é dedicado a todos os técnicos e estagiários que passaram pelo GAAF. Um muito obrigado a todos eles.

Verónica Marisa

Somos IAC

TESTEMUNHOS DE TÉCNICOS

O IAC é uma porta aberta.
É uma escola de vida.
É um sentimento de pertença,
é uma instituição com muita dignidade.

O IAC é uma família,
é uma casa.
É onde visto a camisola, é mais do que
trabalho, é uma família onde continuo a
aprender, onde nos desafiam em cada
projeto, em cada trabalho, enquanto
profissional, onde há sempre um
enquadramento, enquanto pessoa.
É onde eu quero estar
e continuar a ficar.

O IAC é um laboratório social
que intervém na vida das pessoas,
das crianças e que consegue chegar
até elas e mudar quem mais precisa.
É um sítio onde ajudarmos a realizar sonhos.

O IAC é a casa das crianças,
é onde as crianças se sentem bem.
É onde podem ser de verdade,
dizer o que pensam e o que sentem,
sabendo que têm sempre alguém que as vai
conseguir ajudar.

É um desafio manter a reputação
de ser inovador como tem sido,
manter a força e a criatividade,
acompanhar a velocidade e a intensidade
das mudanças que vivenciamos
enquanto sociedade.

É um desafio conseguir inovar
e reinventar novas formas de abordagem,
novas estratégias para captar crianças e
jovens, para os acompanhar,
para os conseguir estimular e motivar.
Vão aparecendo muitas realidades novas que
exigem uma atualização constante,
uma pesquisa para conseguirmos chegar
a elas da mesma forma.

Não sei o que virá
mas estou aqui para o que for preciso,
a ajudar a mudar.

O IAC tem que se manter ativo,
atualizar-se a nível tecnológico,
com recursos humanos qualificados,
com atualizações técnicas constantes
e manter-se a par do que a sociedade for
necessitando, para lhe conseguir
dar resposta.

A Defesa dos Direitos da Criança
passa por estar atento às alterações
legislativas que é necessário levar a cabo,
alertar os meios políticos e juntar parcerias
para fazer pressão para a sua efetivação.

A investigação/ação
no domínio das várias áreas
que à criança dizem respeito é um
investimento no seu futuro.
É preciso continuar o investimento nesta
área pois tem tido impacto na sociedade
e provocado discussão no meio académico
e interesse nos media.

É muito gratificante poder ajudar
indiretamente as crianças,
quando damos formação a técnicos
que com elas trabalham.
Proporcionar conhecimentos, refletir, sugerir
metodologias novas, é uma forma de as
ajudar, indireta mas eficaz.

Há que manter a inovação,
garantir a sustentabilidade da instituição.
E o rejuvenescimento,
temos que ter sangue novo,
pessoas novas porque são essas que vão
garantir a energia,
a vitalidade e a inovação.

Beneficiários em 2022

BENEFICIÁRIOS

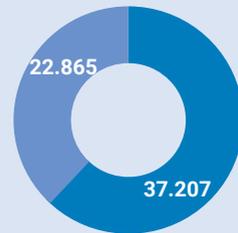
60.072

BENEFICIÁRIOS DIRETOS

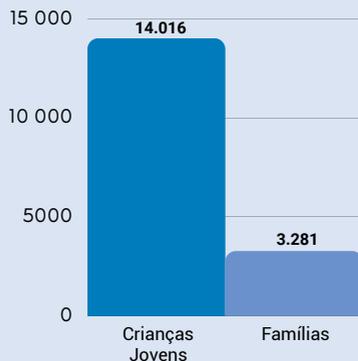
22.865

BENEFICIÁRIOS

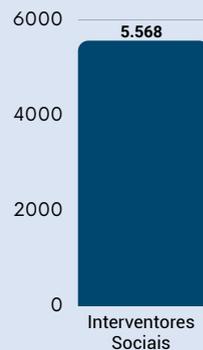
- Beneficiários Diretos
- Beneficiários Indiretos (Crianças/Jovens)



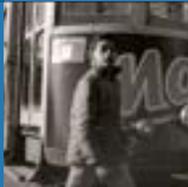
CRIANÇAS/JOVENS E FAMÍLIAS



INTERVENTORES SOCIAIS



40 Anos a defender e promover os Direitos da Criança



IAC



O Instituto de Apoio à Criança, perspetivas de futuro.

ESTAMOS AQUI

Site

www.iacrianca.pt

Redes sociais



Email

iac-sede@iacrianca.pt

iac-marketing@iacrianca.pt

Morada

Av. da República, 21 | 1050-185 | Lisboa

Telefone

+ 351 213 617 880



**Desde 1983 na Defesa e Promoção
dos Direitos da Criança**

Apoiar o IAC

Com o seu donativo está a contribuir para a defesa e promoção dos Direitos da Criança.

Faça o seu donativo através de:

Transferência bancária

IBAN PT50 0035 0127 0005880 6630 88

MBWAY 924 124 912

SER SOLIDÁRIO



Para obter o seu recibo de donativo,
por favor, envie-nos o comprovativo de transferência
e/ou print do movimento MBWAY para o e-mail iac-marketing@iacrianca.pt
com indicação do nome, NIF, morada ou e-mail.